

OJORNAL

Presidente de ONG ambiental cabo-verdiana visita Massachusetts para pedir o apoio da comunidade local

[Lurdes C. da Silva](#) O Jornal

Published 3:44 p.m. ET Feb. 10, 2022 | Updated 3:40 p.m. ET Feb. 14, 2022

NEW BEDFORD – Queixando-se que a voz e as preocupações das organizações não-governamentais centradas na protecção do meio-ambiente têm caído em ouvidos moucos entre as entidades governamentais e políticas de Cabo Verde, o presidente da ONG ambiental Biosfera veio a Massachusetts pedir o apoio da diáspora cabo-verdiana.

“O que nós queremos é fazer com que a diáspora de Cabo Verde consiga sentir, mesmo estando fora, aquilo que são os problemas que neste momento são enfrentados em Cabo Verde,” salientou Tommy Melo, presidente e co-fundador da Biosfera, lamentado que as questões ambientais “não fazem parte da agenda” do actual governo.

“Neste momento existem 47 áreas protegidas em Cabo Verde, nenhuma delas tem um plano de gestão que esteja a ser implementado,” sublinhou o biólogo e oceanógrafo natural de Cabo Verde, que fundou a Biosfera em 2006, com o seu pai José Melo.

O ambientalista fez estas declarações durante uma sessão informativa realizada no passado dia 4, no Centro de Assistência ao Imigrante (CAI), para dar a conhecer o trabalho e os principais objectivos da Biosfera, que visa promover a defesa e conservação das espécies costeiras e marinhas e dos seus habitats e mobilizar a sociedade civil cabo-verdiana para a protecção do ambiente.

O evento foi realizado em colaboração com o CAI, a Associação Cabo-Verdiana de New Bedford, o LusoCentro do Bristol Community College e o Instituto Pedro Pires para os Estudos Cabo-Verdianos da Bridgewater State University. A sessão era para ser

presencial, mas acabou por ser virtual devido às condições climáticas adversas que se faziam sentir na altura.

“As ONGs de Cabo Verde já mostraram a sua capacidade de trabalhar no terreno e junto das comunidades. Possuem fundos próprios e não pedem nenhum orçamento ao estado,” salientou Melo. “Embora consigam garantir a sua sustentabilidade, através de programas com fundações internacionais, neste momento não conseguem avançar nos trabalhos exactamente porque existe essa barreira, essa falta de coerência por parte dos nossos decisores políticos.”

Segundo Melo, essa coerência prende-se no facto dos tomadores de decisões dizerem que abraçam a economia azul e os objectivos de desenvolvimento sustentável propostos, mas na realidade não agem para que isso aconteça.

O ambientalista deu como exemplo os esforços da comunidade do Calhau, na ilha de São Vicente, que fez um baixo assinado para que seja criada uma Área Marinha Protegida.

“É a primeira vez na história de Cabo Verde que uma comunidade piscatória pede ao governo que seja implementada uma área protegida para que possa usufruir de uma forma sustentável os recursos e, mesmo assim, o documento já foi entregue há mais de um ano e não tivemos por parte do Estado qualquer resposta,” lamentou.

Para Melo, “é mais fácil falar, por exemplo, com o presidente de Portugal do que com o Ministro do Meio-Ambiente de Cabo Verde.”

“É isto que queremos mudar,” adiantou. “Portanto, necessitamos da ajuda da diáspora cabo-verdiana.”

Melo explicou que o Estado é o principal empregador no arquipélago cabo-verdiano e como tal é quase impossível encontrar alguém que ouse falar mais alto porque teme que ele próprio ou um familiar perca o emprego se o fizer.

“É por isso que saímos de Cabo Verde, porque o mundo exterior não depende do governo,” realçou. “Vocês são livres de falar e para fazer avançar as questões e pressionar... Esperamos que a comunidade consiga estar mais envolvida e nos ajudar a pressionar os nossos decisores a tomarem melhores decisões.”

Fundada na cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, a Biosfera possui 31 funcionários e movimenta cerca de 700 mil euros (800 mil dólares) em projectos por ano.

“É considerada a maior ONG em termos de funcionários e também de projectos,” salientou Melo. “Está a implementar 12 projectos em conjunto com outras organizações.”

A organização, que já recebeu sete prémios nacionais e internacionais, centra-se essencialmente em cinco eixos: comunicação e sensibilização ambiental; integração das comunidades dentro da economia azul; conservação de espécies costeiras e marinhas; gestão marinha e redução de poluição; e fazer lobby.

“A Biosfera actua principalmente nas ilhas de São Vicente, Santa Luzia, Branco e Raso, em acções de conservação no terreno, mas quando falamos de actividades que incluem a integração da comunidade e da comunidade piscatória cresce mais e engloba Santo Antão e São Nicolau,” adiantou Melo, que é licenciado em Biologia pela Universidade de Coimbra e completou o Mestrado em Oceanografia na Universidade dos Açores.

Melo atribui o sucesso da organização em atingir os seus objectivos ao seu espírito inovador.

“A equipa da Biosfera é uma equipa jovem que não tem medo de lançar novos propósitos e pareceres, juntamente com profissionais nessa área, até conseguir a excelência daquilo que produz,” referiu.

Segundo Melo, a Biosfera “não trabalha com fundos nacionais,” sendo os seus projectos patrocinados por fundações internacionais para o ambiente. Em Portugal, tem vários parceiros, incluindo a Universidade de Coimbra, a Universidade do Algarve, a Universidade de Aveiro e a Universidade dos Açores.

“O nosso maior parceiro no solo português é a Sociedade Portuguesa de Estudo para as Aves,” informou. “É um grande parceiro que tem nos ajudado muito a fortalecer a própria estrutura interna da Biosfera. Na Europa, temos outros parceiros na Inglaterra, na França e na Espanha.”

Esta tentativa de aproximação da Biosfera à Diáspora cabo-verdiana já levou Melo ao Luxemburgo e à França, estando ainda previstas este ano deslocações a Portugal, ao Brasil e provavelmente à Holanda.

“Isto é apenas o primeiro passo,” salientou. “Queremos que os cabo-verdianos residentes no estrangeiro fiquem atentos ao que se está a passar. Num futuro próximo, precisamos talvez que criem alguns programas, alguns baixos-assinados. Sabemos que os cabo-verdianos fora de Cabo Verde têm muito poder para impulsionar as questões políticas.”

Darlene Spencer, presidente da Associação Cabo-Verdiana, congratulou Melo pela sua “maravilhosa apresentação.”

“É muito importante o que está a fazer e queremos certamente apoiá-lo,” adiantou Spencer.

O Dr. Carlos Almeida, director do LusoCentro do Bristol Community College, agradeceu a Melo por “trazer esta consciencialização” à comunidade local.

“Espero que todos nós nos envolvamos para o ajudar a preservar o meio-ambiente em Cabo Verde,” referiu o professor. “Os partidos políticos fazem um grande alarido sobre a economia azul, mas de certo modo isso é apenas conversa fiada. É preciso exercer pressão sobre eles.”

Para Helena Hughes, directora do Centro de Assistência ao Imigrante, os esforços da Biosfera fazem “todo o sentido.”

“Isto é uma escolha óbvia,” disse ela.

Angelo Barbosa, director do Instituto Pedro Pires da Bridgewater State University, salientou ser “incrivelmente importante” que a comunidade local se envolva e apoie esta iniciativa.

“Devemos tentar encontrar formas de criar oportunidades para a Biosfera se conectar com recursos e estabelecer contactos,” adiantou. “Mas também gostaria de salientar que Cabo Verde tem muito a ensinar ao mundo. As coisas que Tommy está a fazer em Cabo Verde, com a sua organização, são um recurso incrível para as pessoas de todo o mundo, especialmente os EUA. Em Cabo Verde, isto pode não fazer parte da agenda política, mas devemos lembrar-nos que os Estados Unidos saíram do Acordo de Paris sobre o clima. Esta é uma discussão ainda maior. Acredito que devemos criar acções concretas para trabalharmos com o Tommy.”

Para mais informações sobre Biosfera, visitar www.biosfera1.com